

# O jogo da homofobia? Táticas e xingamentos nas Torcidas Organizadas do Ceará Sporting Club<sup>1</sup>

Joaquim Sobreira Filho (UFC)

Gloria Maria dos Santos Diógenes (UFC)

**Palavras-chave:** Torcedores. Homofobia. Performance

## 1. Introdução

Parecia que aquela seria a noite do time. O Vila Nova tinha uma torcida também presente no Castelão, situada acima do Setor Premium (o mais caro do estádio, destinado sempre a torcida do clube mandante da partida), com inclusive faixa de sua maior T.O., que tem uma aliança com a TUF de Fortaleza. Isso ajudou a explicar um pouco dos cânticos que a TOC entoou ao longo dos 90 minutos. Para além dos gritos de incentivo à equipe, também foi gritado uma versão do refrão “A tuf é gay/é gay/é gay”, para “A TEV é gay/é gay/é gay”, assim como “Expulsa, expulsa a raça do cu vermelho”, essa com uma explicação mais direta pois a cor da torcida adversária era vermelha. Além dessas, uma que me chamou a atenção foi: “Aha, u-hu, ô esquadrão eu vou comer seu cu”...música essa que foi cantada a plenos pulmões por todos que ali me cercavam (Esquadrão era o nome da maior T.O. deles, Torcida Esquadrão Vilanovense).<sup>2</sup>

Essa cena, acontecida durante a pesquisa de campo, funciona como uma bússola para essa pesquisa. Ela dá o norte do que pretendo fazer nesse artigo. Tenho como intenção de falar e entender as tensões presentes no campo futebolístico que perpassam pela questão de gênero, no tocante às manifestações homofóbicas e enxergar isso dentro de uma *tática* das torcidas de enfrentamento do *status quo* e nos seus *modos de se fazer* torcida.

Desde a mais tenra idade convivo com esses tipos de manifestações em ambientes de futebol. Momentos como os descritos nas cenas acima da pesquisa são parte do cotidiano de quem anda nos principais campos esportivos da capital cearense e, principalmente, para quem se insere no contexto das torcidas organizadas.

Esta pesquisa propõe um estudo acerca das relações de um “jogo de masculinidades” no comportamento dos torcedores cearenses. Com a finalidade de enxergar um mundo de intensidades relacionadas às questões de gênero e entender como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> Trecho retirado de Diário de Campo, feito em 03/10/2017.

se isso dá através das práticas desses grupos de torcedores, construímos um tipo de observação mais aproximado. A intenção dessa análise surgiu a partir da observação e, posteriormente, da identificação de diversas evidências empíricas de tipo homofóbico presentes em arquibancadas de estádios locais.

Dentre as masculinidades que serão exploradas no corpo desse trabalho, são observadas incidências de uma exacerbação e culto a um modelo androcêntrico e hiperviril, que está envolto em toda uma gama de significações ligadas ao tema que se apresentam de forma acentuada em alguns esportes, como o futebol. Tomo como um ponto de prosseguimento do trabalho, utilizar a palavra masculinidades, no plural, pois, seguindo a linha de autores como Connell (1995), Connell e Messerschmidt (2013), Grossi (2004), Halberstam (2008), existem masculinidades hegemônicas, masculinidades gays, masculinidades femininas, dentre outras, complexificando as redes de relações sociais. A virilidade é um componente fundamental e presente dentro da masculinidade hegemônica ocidental, termo esse, definido como:

Um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse [...] A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Enxergando essas masculinidades como relacionais, o autor Jack Halberstam (2008), vê que as masculinidades dominantes são totalmente dependentes das gays e das femininas, e que principalmente essas últimas são vistas como “las sobras despreciables de la masculinidad dominante, con el fin de que la masculinidad de los hombres pueda aparecer como lo verdadero<sup>3</sup>”.

## **2. As torcidas organizadas como objeto de pesquisa e a dinâmica do torcer**

Tomei como ponto de partida as torcidas organizadas do Ceará Sporting Club, prioritariamente a Cearamor, mas também existem relatos de outras torcidas do mesmo clube, além de torcedores organizados de clubes rivais também. O fato de ter escolhido esse locus de pesquisa se mistura com a minha história de vida. Como falei acima, desde

---

<sup>3</sup> As sobras depreciáveis da masculinidade dominante, com a finalidade de que a masculinidade dos homens possa aparecer como a verdadeira (Tradução nossa).

criança minha afiliação clubística<sup>4</sup> foi pelo time alvinegro cearense, sendo este clube como um grande referencial para a minha trajetória, e assim, tive a decisão de escolher pesquisar algumas torcidas desta agremiação. Ademais, o fator subjetivo de já presenciar os rituais desses torcedores por vezes em espaços de convivência futebolística e de, com a pesquisa, ter a chance de etnografar tais comportamentos, preponderou nessa escolha.

Uma das observações iniciais a respeito da pesquisa foi identificada em forma de gritos de guerra<sup>5</sup> com palavras ofensivas, que não necessariamente referem-se aos gays, mas à torcida adversária, na tentativa de colocá-la como algo menor, tomando a palavra gay como xingamento para atingir o outro. Observo que ser homossexual no âmbito das interações de pesquisa é comumente colocado como algo pejorativo, visto com repulsa no que concerne ao jogo das torcidas. Dentre os exemplos de alguns cânticos entre as principais torcidas locais pode-se citar:

“Liga pro zoológico / chama o camburão / e diz que a Cearamor / ela matou um leão! / Porque a Cearamor não dispensa que eu sei / matador de leão e come cu de TUF Gay! / A tuf é gay, é gay, é gay!” (Música da Torcida Organizada Cearamor);

“Ceará gay só tem garotão escroto / passa cerol no cu / pra cortar o pau dos outros! / Você que é alvinegro de tanto levar por trás / ficou com o cu roxo e ainda tá pedindo mais! / O vermelho é ter saúde / Todo mundo é assim mas ter aquilo roxo é coisa de viadim” (Música da Leões da TUF);

“Peia no leão (gay) / A stella tá acabada / Não tem dinheiro não / A carniça tá fudida implorando pro vozão / É muito sofrimento / Ninguém ajuda não Na terceira tá chorando tá ruim a situação” (Música da Cearamor);

“Respeita o meu Leão / Urubu filha da puta / A ceará gay se cala / Quando escuta o chupa, chupa / Ceará gay chupa / Ceará gay chupa / A cabeça do pau vermelho” (Música da Leões da TUF)<sup>6</sup>.

“Falange Coral, é um grande galerão / JG3 foi quebrado, tuf gay ficou no chão / Uh! Tubarão, vai engolir o leão...” (Música da Falange Coral)

Em comum em todos esses trechos de músicas pode-se observar uma busca constante de desqualificar o outro, o adversário. E essa desvalorização ocorre sob

---

<sup>4</sup> Sobre o assunto, a dissertação de Arlei Sander Damo (1998) é fundamental, nela ele estuda a categoria do pertencimento clubístico, ou seja, torcedores que se identificam e segue aquela equipe a partir de um viés de torcedores gremistas.

<sup>5</sup> Tomo o termo para fazer referências aos cânticos entoados pelas torcidas em suas andanças pela cidade, nos estádios, nas suas festas. Assim como músicas gravadas e lançadas em CDs ou MP3s dessas torcidas organizadas também.

<sup>6</sup> Cearamor é a maior torcida organizada do Ceará S.C.; a Leões da TUF é a principal do Fortaleza E.C; enquanto a Falange Coral é a principal organizada do Ferroviário A.C. As músicas estão disponíveis na internet através dos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=6BmdKn1Nh1g>, <https://www.youtube.com/watch?v=SmP6bmjA1b8>, <https://www.youtube.com/watch?v=iMGlpAWfeyg&t=43s>, <https://www.youtube.com/watch?v=HP6Somdtzgs>, <https://www.youtube.com/watch?v=-nvmwRHNGdo>

ameaças de violência para com o outro. Ser colocado no chão, ser quebrado, ser engolido, levar peia, ser morto, ser violentado, ser violado. Essas são algumas das proposições. No contexto das letras ou se referem ao adversário com a denominação de alguma coisa + gay (tuf gay, ceará gay) ou então se coloca em xeque sua orientação sexual e ameaça-se o rival de ser “comido”. Tais ameaças dialogam com algo que está presente em Fry e MacRae (1985), em que os autores pensam uma gramática de papéis de gênero no Brasil popular. O que seria esse Brasil? O cotidiano, o senso comum, um ideário muito presente na mente de muitas pessoas país afora. Segundo os autores, dentro dessa lógica:

Neste Brasil que estamos chamando de ‘popular’, como entre os guaiáqui<sup>7</sup>, o menino é chamado de ‘bicha’ não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é ‘efeminado’ (desempenha o papel feminino) e porque se mantiver uma relação homossexual desempenhará um papel ‘femininamente passivo’. O rapaz que desempenha o papel sexual masculino e que poderia ser o parceiro sexual da bicha (portanto mantendo uma relação homossexual), é chamado de ‘homem’ ou ‘machão’ (FRY; MACRAE, 1985, p.43).

A visão de homossexualidade se mistura com esse componente generificado do ser homem/ser bicha, que é até reducionista perto de uma série de performances de gênero que temos hoje, mas que no Brasil popular ainda continua a ser bastante presente. Então, tem-se a ideia, por exemplo, de que se você pratica um ato sexual com uma pessoa de mesmo sexo, você só será considerado gay se for o passivo da relação, do contrário é visto como macho. E isso se expressa bem nos cânticos que visualizamos acima. Nesses trechos, insulta-se a moral de outrem os colocando como corpos feminilizados, passivos, enquanto os de minha torcida seriam os ativos da relação e, logo, viris e homens.

Essas práticas dos torcedores não fica restrita apenas aos torcedores que se denominam como *organizados*<sup>8</sup>. Também está bastante presente nos discursos e atos dos torcedores ditos *comuns*. Observo isso como parte de um ritual, que está presente nas vivências desses sujeitos e falarei acerca disso no tópico seguinte deste trabalho.

### **3. Táticas e práticas das torcidas organizadas: performances ritualizadas de usos dos corpos**

---

<sup>7</sup> Povos indígenas paraguaios estudados pelo antropólogo Pierre Clastres (1978) em que os homens desempenhavam papéis sexuais ativos tanto em relações homossexuais quanto heterossexuais. Os homens que quisessem ter uma performance passiva, eram rebaixados de status e eram chamados de *krypy-meno*, mas tal condição poderia ser atenuada caso esses “virassem mulheres”. (FRY; MCRAE, 1985, p.32).

<sup>8</sup> Torcedor organizado são os que compõem as instituições chamadas de Torcidas Organizadas, já os comuns são os que apenas torcem para determinada equipe, mas que não são filiados a nenhuma torcida organizada em específico.

Desejo pensar a atuação e performance ritual das torcidas organizadas brasileira a partir do conceito de *tática* de Certeau, de uso *tático* da prática futebolística. Para o historiador francês, tal palavra designa “a arte do fraco” e também consiste numa série de:

procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em uma situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. Sob este aspecto, a diferença entre umas e outras remete a duas opções históricas em matéria de ação e segurança (opções que respondem aliás mais a coerções que a possibilidades): as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 2014, p.96).

Trocando em miúdos, a noção de *tática* está próxima da ideia de saber lidar com o cotidiano e agir de acordo com o que lhe é possível. Saber se virar, ser esperto e não necessariamente inteligente. Enquanto para Certeau (2014), *estratégia* era algo voltado para estruturas maiores, para um campo macro, algo que necessitava de que grandes engrenagens se movessem, a *tática* é o micro, o jogo de cintura para lidar com o dia-a-dia, dentro dos *modos de fazer* possíveis para o cidadão ordinário.

O *modus operandi* de torcer do brasileiro, especificamente do cearense, é bem característico e particular, como podemos ver nos relatos abaixo tirado de observações do meu campo<sup>9</sup>.

Antes do jogo a torcida cantava o hino. Quase todos de pé reverenciavam o time que iria jogar dali a pouco, e a churrascaria encontrava-se lotada pois iria começar a partida.<sup>10</sup>

A festa estava mais do que liberada, o título estava mais do que decretado. Todos na torcida pulam, comemoram, se abraçam e se beijam. A Cearamor puxa o grito tradicional nos gols de “Uh é Cearamor” e o resto do estádio acompanha. Bambus são balançados com muita vibração e o bandeirão desce mais uma vez. Sinalizadores começam a ser acendidos, burlando o sistema de segurança do estádio que proíbe tais aparatos. E os piscas começam a aumentar mais e mais, no setor da TOC<sup>11</sup> e de repente tem-se muitos acesos ao mesmo tempo, fazendo uma linda festa no estádio com todos cantando e gritando: “É campeão”.<sup>12</sup>

Minutos antes de começar a partida, as duas torcidas parecem cantar num sistema de pergunta/resposta. Quando uma grita: “Leão, nós gostamos de você”, a outra manda na lata “Leão, vai morrer na série C”. Ou então: “Leão, ô...tam tam tam tam tam” e a resposta é: “Leão, ô...gay, gay, gay, gay, gay”.

<sup>9</sup> Campo feito entre os anos de 2016 e 2018 com as torcidas organizadas do Ceará Sporting Club.

<sup>10</sup> Diário de campo, 08/07/2016.

<sup>11</sup> Usarei tanto a sigla TOC quanto Cearamor para me referir a esta torcida.

<sup>12</sup> Diário de campo, 03/05/2017.

Em diversos momentos tanto a torcida alvinegra quanto à tricolor utilizam o léxico “gay”, “dar o cu”, “tomar no cu”, “comer o cu”, como ofensas das mais incisivas contra o adversário.

Quando os times entram em campo, uma chuva de papel higiênico, jogado ao alto pelos próprios torcedores em direção ao campo, recepcionou o time do Ceará, junto com a bateria dando o tom da festa. Vale registrar que haviam várias outras torcidas alvinegras também presentes naquela zona do estádio como Fúria Jovem, Setor Alvinegro, Ceará Chopp. Algumas com bateria e música própria e outras sem esse aparato. No outro setor destinado à torcida alvinegra, na superior, estavam os Cangaceiros e a MOFI. Na inferior vi a Alfa Alvinegros e Ceará Surf.

O jogo se inicia, visualmente parece ter mais pessoas do lado do Ceará do que do lado do Fortaleza, apesar do time leonino contar com mais espaço devido ao mando de campo ser seu. Os dois times se estudam em campo e, enquanto isso, a torcida incentiva, pula e canta. Todos permanecem em pé na Cearamor.<sup>13</sup>

Dentro de uma arena esportiva de futebol no Brasil, nem todos assistem aos jogos da mesma forma. Muitas das torcidas organizadas seguem um ritual que obedece a momentos específicos, assim como falam Peirano (2003) e Tambiah (1985), antropólogo que estudou os rituais contemporâneos.

Ritual is a culturally constructed system of symbolic communication. It is constituted of patterned and ordered sequences of words and acts, often expressed in multiple media, whose content and arrangement are characterized in varying degree by formality (conventionality), stereotypy (rigidity), condensation (fusion), and redundancy (repetition). Ritual action in its constitutive features is performative in these three senses: in the Austinian sense of performative, wherein saying something is also doing something as a conventional act; in the quite different sense of a staged performance that uses multiple media by which the participants experience the event intensively; and in the sense of indexical values—I derive this concept from Peirce—being attached to and inferred by actors during the performance (TAMBLIAH, 1985, p.128).<sup>14</sup>

Assistir os jogos de pé por sobre as cadeiras do estádio; se encontrar no caminho com o seu bonde e chegar de *mulão*<sup>15</sup>; passar por um rito de iniciação/batizado dentro da sua torcida organizada; receber o time com festa no estádio (dentro e fora dele); fazer festa no aeroporto quando o time viaja ou consegue um resultado positivo longe de seus domínios. Tudo isso e mais um pouco faz parte do ritual de muitos torcedores

---

<sup>13</sup> Diário de campo, 22/01/2017.

<sup>14</sup> Ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. É constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, por vezes expressos em múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizado por variados níveis de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus aspectos constitutivos é vista como performativa em três sentidos: no sentido de que dizer algo é também fazer aquilo como um ato convencional; no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação; e no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance, eu obtenho esse conceito a partir do Pierce (Tradução nossa).

<sup>15</sup> Categoria êmica que significa chegar de galera, chegar chegando juntamente com a sua turma, de preferência do mesmo bairro. Tem o mesmo sentido da gíria: “chegar de bonde”.

organizados alvinegros. Peirano (2003) nos lembra que “a compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada. Ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”. Assim, com minhas observações e participação no campo é que pude começar a entender um pouco daquele ritual de ser um torcedor organizado, no caso, não como um organizado também, mas como alguém que ali os estava pesquisando e trocando experiências.

Toda essa teatralidade performática se configura no dia-a-dia do torcedor organizado. E acaba que mesmo com os outros torcedores ditos comuns muitas vezes a linha divisória entre esses e aqueles é tênue e pode se borrar quando dentro de um estádio, no meio de uma multidão. Palavrões, refrões entoados à exaustão, pulos, fumaça e consumo de substâncias lícitas e ilícitas são alguns dos ingredientes presentes nesta composição singular e ao mesmo tempo com tantas semelhanças com outras pelo mundo.

O antropólogo Roberto DaMatta (1994), caracteriza o futebol dentro dos moldes de um ritual, dentro do conceito de ritual para Turner (1974). O esporte pode ser equiparado com a arte, segundo DaMatta (1994, p.13) dentro do sentido de que as duas atividades tinham sua finalidade em si mesmas, sendo diferentes do trabalho, por exemplo, que tinha como fim lucro e êxito financeiro. Não que o esporte não promovesse riqueza também, mas, para além disso, ele possui um “eixo expressivo e/ou simbólico que apenas diz e, com os rituais, revela quem somos”. Ainda em comparação com o eixo do trabalho, DaMatta (1994) chega à conclusão de que o futebol produz um outro uso do corpo no Brasil, pois aqui nesse esporte o corpo é utilizado com prazer e beleza, conjuntamente. Além disso, o pesquisador ainda diz que o futebol como um ritual produz dramatizações acerca da sociedade local, como por exemplo pode-se pensar através de reflexões sobre o uso dos pés dentro desse jogo:

Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuam as ideias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo (DAMATTA, 1994, p.16).

Além disso, traz semelhanças entre cultura e transcendência presente na cultura do Brasil, como disse DaMatta (1994). Segundo Costa (2013), o ritual, na perspectiva de Victor Turner (1974), é “uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogonia ou a aspectos diretamente ligados ao cotidiano da sociedade”. Dentro do contexto do futebol e das torcidas organizadas esses simbolismos são representados através de camisas identificatórias,

símbolos da própria torcida organizada como mascotes, cores próprias, manifestações corporais.

Para Turner (1974), os rituais acontecem num momento liminar, situação a qual foge do cotidiano por instantes, e ocorrem essas circunstâncias. Assim como Duvignaud (1983, p.24) pensa as festas e seu acontecimento na vida das pessoas, que é algo extra, que “corta uma sequência” e “quebra o encadeamento dos acontecimentos”.

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (TURNER, 1974, p.117).

Se o ritual do torcer acontece nesse entre, nessa brecha, dentro da sociedade e dramatiza também as práticas sociais, também é notório observar como isso acontece dentro de uma determinada performance. Performance essa que é dramatizada pelos torcedores, comuns e organizados, com os últimos sendo o foco dessa experiência etnográfica. Mas de que performance é essa a qual estou falando e pensando?

Turner estudou os rituais e os agregou aos estudos do teatro, posteriormente em sua pesquisa acadêmica, já que sempre gostou muito da área e sua mãe foi atriz. Richard Schechner, por sua vez, teatrólogo, trouxe seus conhecimentos acerca dos palcos e do *métier* artístico para a antropologia. Os dois pesquisadores são fundamentais para entendermos conceitos tanto de ritual, que já comentei acima, quanto de performance também. Segundo Schechner (2013):

A “performance”, como eu resumia na época (e ainda resumo hoje), é um “amplo espectro” de atividades que vão desde o ritual e o play (em todas as suas variedades desconcertantes e de difícil definição) até formas populares de entretenimento, festas, atividade da vida diária, os negócios, a medicina, e os gêneros estéticos do teatro, da dança e da música. Não se tratava de afirmar que *tudo* nessas atividades é performativo, mas de dizer que cada uma delas tem qualidades que poderia ser efetivamente analisadas e entendidas “como” performance. O alcance dessa teoria não era limitado. Argumentei que *qualquer coisa* poderia ser considerada e analisada “como” performance, embora o que a performance “é” – um domínio muito mais limitado só possa ser determinado dentro de contextos culturais muito específicos, localizados dentro de pontos ou intervalos de tempo muito específicos (SCHECHNER, 2013, p. 37).

Com essa definição mais geral, podemos pensar o ritual do torcer como uma performance encenada por diversos atores. Torcedores organizados, torcedores comuns, jogadores, árbitros, profissionais de mídia...todos esses têm uma maior ou menor

participação dentro dessa performance. São elementos fundamentais para que esse tipo de performance aconteça. Seguindo na linha de pensamento de Schechner (1985; 2011), organizei, baseado na sua Sequência Total da Performance, uma Sequência total da performance torcedora organizada. Segundo o autor, essa sequência se dá em “treinamento, oficinas, ensaios, aquecimento, performance, esfriamento e balanço” (2011, p. 222). Dentre essas etapas é possível dividi-las em pré-ato (treinamento, oficinas, ensaios, aquecimento); ato propriamente dito (performance) e pós-ato (esfriamento e balanço).

Tabela 4 – Sequência Total da Performance Torcedora Organizada

<b>Sequência Total da Performance Torcedora Organizada</b>		
<b>Pré-ato (Treinamento, oficinas, ensaios, aquecimento)</b>	<b>Ato (Performance)</b>	<b>Pós-ato (Esfriamento e balanço)</b>
Preparar-se para a partida; programar-se para a viagem se for jogo fora de casa; preparar uma bela festa para o time; provocar a torcida adversária nas redes sociais; pensar como será a festa; organizar a festa	Chegar ao estádio de mulão com os seus; caminhada até o estádio; entrada em campo; participação na festa da torcida, consumo de substâncias lícitas ou ilícitas fora e dentro do estádio; participação ou tomada de conhecimento acerca de tretas contra torcidas adversárias; vibração durante o tempo de partida; saída do estádio juntamente com a multidão; comemorar nos arredores do estádio no pós-jogo; volta para casa	Dia seguinte a partida; repercussão do jogo; repercussão da festa da torcida; desdobramentos acerca de possíveis confusões contra torcidas rivais; expectativa para os jogos seguintes

Dentre essas etapas, alguns pontos específicos atraem mais ainda a atenção. Quando se pensa em “programar-se para uma viagem se for fora de casa” (para outro Estado ou cidade), por exemplo, isso é bastante interessante para se refletir sobre a performance desses torcedores organizados. Ora, se uma boa parte dessas pessoas não

tem muitas condições sociais para fazer viagens maiores e a torcida organizada oferece essa oportunidade a um custo menor, o que não seria isso senão uma forma de inclusão social? Indo mais além, isso procura quebrar justamente o ideário de dificuldade de ascensão na vida num sistema em que as pessoas muitas vezes não têm nem dinheiro para se manter. Então, com essas *práticas*, pensando com De Certeau (2014), os *organizados* batem de frente com o que está dado, novamente, e nos colocam essas tensões.

Parece estar no cerne do *organizado* a ideia de ir contra um certo tipo de lei ou regra estabelecida. Não tenho a intenção de colocar esses sujeitos como foras da lei, mas de observar, em suas práticas, como essa lógica muitas vezes adquire uma nova significação e esta vai de encontro ao estabelecido pelo senso comum, muitas vezes. Com isso, dentro desse ritual, ocorrem cenas em que insultos de diversas categorias são evocados num ambiente futebolístico, como já dissemos, e dentre essas categorias (raça, classe e gênero, dentre outras), a de gênero é uma das mais fortes. Diante disso comentarei nas linhas abaixo sobre as distintas valorações de masculinidades dentro do futebol e de que forma essa prática ocorre nas arquibancadas e nesse meio.

#### **4. A afirmação e reafirmação da masculinidade hegemônica no futebol**

“Não se nasce um homem viril, torna-se um homem viril”. Alterei a famosa frase clássica de Beauvoir, baseando-me na provocação de Bandeira (2010) e Bauberót (2013) para dar o pontapé deste capítulo. Para muitas pesquisadoras e pesquisadores (BUTLER, 2003; GROSSI, 1998; MOORE, 1997) tanto o conceito de sexo quanto o de gênero são construções culturais, então, a partir dessa concepção, pode-se pensar na ideia de que essas masculinidades também o são, e assim se perfazem e performam ao longo da vida dos sujeitos.

A sexualidade pode ser entendida como as performances as quais os sujeitos produzem e praticam suas pulsões sexuais e formas de desejo, as quais podem ser de matizes heterossexuais, homoafetivas, bissexuais, etc. Até mesmo essa sexualidade também é construída socialmente, segundo Weeks (2010).

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. De fato, juntamente com Carole Vance (1984), estou sugerindo que o órgão mais importante nos humanos é aquele que está entre as orelhas. A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico (WEEKS, 2010, p.38).

Baseado nesses pressupostos comentados sobre essas construções, também podemos enxergar a elaboração do *ethos* de masculinidade presente nos estádios de futebol. Existe toda uma gramática acerca disso, e de como seguir e se portar socialmente nesse espaço através destas, até porque, segundo Damo (2017), tem-se a impressão de que, por ser um ambiente de extravasamento e festa, tudo é permitido ser feito e dito dentro de um campo de futebol, o que não é verdade.

Pelo fato de que nos estádios é permitida a expressão pública de sentimentos, de uma maneira tal que são interditos em outras esferas da vida social, tem-se, por vezes, a impressão equivocada de que tudo pode ser dito. Minha convicção é de que o espetáculo produz, a partir dos múltiplos pertencimentos em interação, um estado de ânimo alterado, uma espécie de transe. Não obstante, num estádio não se diz tudo o que se quer, pois há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos e da afetividade masculina (DAMO, 2017, p. 83).

E no rol dessa gramática simbólica do futebol está fundamentalmente a masculinidade dos torcedores<sup>16</sup>. De acordo com Gastaldo (2010), em seu artigo sobre as relações jocosas futebolísticas no Brasil, a sociabilidade que envolve o esporte futebol no Brasil é marcadamente generificada pois:

a cada rodada de um campeonato — e sempre há um campeonato ou torneio em andamento — as relações de força entre as equipes se alteram, motivando um circuito de sociabilidade cotidiana, marcada por um forte viés de gênero. Embora nos últimos anos tenha havido um expressivo crescimento da participação feminina no universo futebolístico (que se manifesta não só na audiência, mas também dentro de campo, vide o sucesso internacional conquistado pela Seleção brasileira de futebol feminino), este universo continua a ser simbólica e hegemonicamente um território masculino (GASTALDO, 2010, p.314).

Sendo este universo simbolicamente masculinizado, também observa-se que são alguns tipos de masculinidade as que são incentivadas e apoiadas dentro desse espaço social. E figuras que não correspondem aos ideais de virilidade e masculinidade hegemônica e busquem disputar simbolicamente dentro desse locus, ou seja, ir de encontro à essa hegemonia, podem ser vistas como “estranhas” ou “diferentes” dentro desse sistema. Em entrevistas com meus sujeitos de pesquisa<sup>17</sup>, pude observar isso.

Joaquim: Tu acha que um estádio de futebol é um local que ele tem abertura a diversidade de crença, de pessoas diferentes, de vários gêneros, de várias raças, tu acha que o estádio de futebol tem abertura pra isso?

---

<sup>16</sup> Ver mais sobre esse assunto em Bandeira (2010, p.348), artigo do pesquisador que sistematiza 4 eixos para as masculinidades dos torcedores: raça, garra luta; violência e socialização; um amor de macho; masculinidades subalternas.

<sup>17</sup> Torcedores organizados de distintas torcidas cearenses que foram entrevistados entre 2016 e 2018.

Fabinho: “Tem, assim, não. Se você ver tem torcida de tudo que é jeito. Tem de negócio de cachaça, Ceará num sei o que, a Ceará Chopp, Ceará num sei o que. Mas assim de torcida que tem GLS não tem. Não tem nenhum estado tem”

Joaquim: Tu acha que aqui no Ceará não tem essa abertura?

Fabinho: “Não tem”

[...]

Joaquim: E tu já foi vítima de algum tipo de preconceito, alguma vez. Algum tipo de discriminação. Não necessariamente na torcida, contando assim no geral, na vida.

Fabinho: Não..teve um dia que teve uma reunião, até dia de segunda-feira na Cearamor, aí falaram porque tinham botado as minhas foto né? Aí eles tavam, or menino que é de comando mermo, aí tavam dizendo que não queria que eu andasse na sede, não queria que eu fosse pra jogo, porque se me visse lá no jogo ia querer dar em mim. Aí o Carlos disse que isso não poderia acontecer porque ninguém pagava meus ingresso, não pagava nada pra mim ir pros canto. Aí a Milena também entrou, o menino que vai pras reunião, que é o presidente do nosso comando aqui disse que eu num ia sair porque além deu ajudar muito ele, eu que trazia os pessoal assim pra ir pras festa, pra ir pra fora, eu que organizava mesmo aqui no bairro.<sup>18</sup>

Joaquim: Dentro da torcida tu acha que existe abertura pra diálogo com relação a essa opressão de etnia? Opressão de gênero?

Clóvis: Eu creio que o caminho é a universidade. Eu vejo que, eu num sei como é que é a questão do mestrado, se você tem autonomia de trazer essa debate pra universidade num seminário e a partir daí a gente vê....

Joaquim: Mas em relação ao dia-a-dia lá da torcida, tu acha que a galera pensa nisso mesmo?

Clóvis: A questão das relações raciais se pensa né? A questão de gênero eu acho que já seria algo mais específico, é...num sei, a relação racial sim, por conta de que, é no discurso, ‘ah apanhei da polícia, o policial veio me chamar de negão, encosta aí’. Ainda não tem um avanço em relação a questão de gênero como há na questão racial. Mesmo em relação ao Bonde Feminino, você tem o Bonde Feminino, você tem uma indicação de uma menina da Cearamor pra fazer parte da diretoria da Cearamor, mas ela não tá no grupo de zap da diretoria, tá percebendo? É uma sociedade machista e conservadora, você avança mas impede dela tá no grupo. Ela é diretora mas não tá lá no grupo. Por que será?<sup>19</sup>

Uma das torcidas organizadas a qual fiz pesquisa, tem como um de seus membros, um integrante assumidamente LGBT, chamado Fabinho. Este torcedor é negro, periférico e gay. E não esconde sua sexualidade de ninguém. Mas ao mesmo tempo, dentro da torcida organizada, busca ter uma performance que, segundo ele, não possa “pegar mal” dentro da torcida, pois você não pode “desmerecer” a torcida organizada. Tal tipo de comportamento implica em ser sigiloso em determinadas situações, como não beijar uma outra pessoa com a blusa da torcida, por exemplo. E essa sua sexualidade já foi palco de tensões dentro da torcida quando outros integrantes, de outro bairro, tentaram questionar a sua participação ali utilizando isso como demérito (depois do mesmo Fabinho ter tido fotos suas publicadas na Internet com a blusa da torcida organizada). No

---

<sup>18</sup> Entrevista com Fabinho.

<sup>19</sup> Entrevista com Clóvis.

entanto, ao surgirem essas ameaças, dois outros componentes da torcida, incluindo um dos diretores, saiu em defesa do membro dizendo que a vida de Fabinho só interessa a ele próprio. A presença de Fabinho ali, por ser quem ele era e não estar dentro do modelo de masculinidade hegemônica esperado, foi colocada em xeque quando foi possível. Assim como a participação de mulheres na torcida também é algo que ainda não é equiparado à presença masculina, pois, como vimos numa das entrevistas, a menina era membro da diretoria, mas era excluída de um grupo de *WhatsApp* com os outros diretores, única e exclusivamente por ser do gênero feminino. É cobrado um tipo de comportamento em relação aos gays e às meninas que participam da torcida, que muitas vezes não é o mesmo cobrado em relação aos homens héteros. Fabinho continua ali por ser alguém muito prestativo e que faz acontecer lá dentro, mas ainda tem sua voz silenciada por alguns membros e tem que manter uma postura “discreta” em relação a quem ele é lá dentro, enquanto que as meninas correm o risco de serem expulsas caso venham a se relacionar com membros de uma torcida rival, por exemplo, como me disse Fabinho em entrevista.

Mesmo sendo assumidamente gay, Fabinho, para melhor ser aceito, adota um comportamento discreto tanto em ambientes da torcida organizada, como em outros aspectos de sua vida. O *ethos* de ser um torcedor organizado o acompanha por todos os lugares, assim como sua sexualidade. Mas, a cobrança para que ele mantenha uma postura “decente” e “não queime o filme da torcida” o deixam ligado para evitar situações que já aconteceram e possam acontecer novamente. Uma dessas situações, relatadas dele para mim, foi a de sua exposição nas redes sociais com blusa da sua torcida organizada, sendo ridicularizado por páginas de uma torcida rival cearense. Muitos são os fatores que explicam porque muitos homossexuais se valorizam esse comportamento “discreto”. Miskolci (2015)<sup>20</sup> fala que a erotização de corpos mais másculos e/ou masculinos favorece com que se concretize o desejo de se relacionar com outro homem sem que se publicize o desejo. Mario Pecheny (2002) assinala que a homosociabilidade se dá em três diferentes mundos: o dos que não sabem de nada, o dos que estão cientes e o mundo dos iguais dentro da homossexualidade.

Pode-se pensar nos 3 universos de Pecheny (2002) como relacionais. E, como isso acaba se tornando flexível em determinadas circunstâncias quando se é homossexual. Fabinho por exemplo, com seus depoimentos parece ser alguém que quer ser visto pela torcida como um misto entre os que não sabem e os que estão cientes. E adota a postura

---

<sup>20</sup> Ver mais sobre o assunto em Sívori (2006); Natividade (2010).

social discreta em seus ambientes de convívio, ao mesmo tempo em que utiliza unhas postiças e pintadas, cabelo grande e blusas cavadas. Mesmo na sua discrição, sua sexualidade ali grita e aparece. Seriam esses indícios corporais formas de subversão do gênero? Prosseguindo no questionamento de Butler (2003, p.68), “que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora de identidade”?

Em retomada a um conceito que já expus anteriormente nesse trabalho, sobre a masculinidade hegemônica posso dizer, baseado em Connell (1995) que ela é a masculinidade dominante no Ocidente até hoje, mas que desde os anos 1970 vem encarando novas clivagens, desafios e perspectivas, e ainda está muito presente no mundo hoje, mas não da mesma forma que tinha antes. Afinal, essa perspectiva de gênero além de ser relacional, é histórica e construída e desconstruída ao longo do tempo.

Segundo Bourdieu (1999, p.67), essa noção de masculinidade e de virilidade é “eminente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. Então, nessa lógica de negação do sexo oposto ela se reafirma como potência viril.

Colocarei abaixo algumas das cenas vistas em campo e fora dele, para que se possa entender melhor algumas das práticas de sociabilidade dentro dessa lógica eminentemente hegemônica masculina nos ambientes que cercam os torcedores organizados e os estádios de futebol:

A sociabilidade guerreira estava presente em diversos momentos da ida no ônibus. Os membros novos, que nunca tinham passado por uma caravana, foram coagidos pela massa, principalmente pelos mais velhos ou considerados a correrem de trás pra frente do ônibus levando tapas e socos dos outros e depois o processo de volta para o seu lugar se repetindo, ritual que era chamado pelos *organizados* de “batizado”. Eu fiquei bastante temeroso de que me colocassem para ser “batizado” também, já que era minha primeira caravana com a TOC, mas isso não ocorreu, felizmente.<sup>21</sup>

De repente, várias pessoas começaram a olhar pra cima no estádio, pra um setor situado a minha direita, ainda na torcida alvinegra. Tinham pessoas que pareciam brigar ou chamar pra briga, não entendi muito bem de onde eu estava, outras ao lado ficaram gritando e a torcida organizada Cearamor, que não estava envolvida com o fato começou a cantar: “Uh vai morrer! Uh vai morrer”. Eu não tava entendendo nada, chegaram depois polícia e seguranças particulares e levaram um jovem negro que se contorcia e depois deram uma gravata nele e sumiram pelo corredor externo à arquibancada.<sup>22</sup>

Alguns torcedores fazem piada com o jogador do Ceará Wesley, o qual estava sendo acusado judicialmente de estupro da sua esposa. Um homem, pardo, de

---

<sup>21</sup> Diário de Campo, 12/02/2017.

<sup>22</sup> Diário de Campo, 30/04/2017.

uns 40 anos, gordo, de bermuda jeans e blusa do Ceará, diz: “Ô cara agressivo”. Seus amigos e pessoas que estavam na mesa apenas riem da cena.<sup>23</sup>

Desde o processo de iniciação e passagem dentro de um ritual que contém traços de violência, até mesmo a corporalidade intensa no xingamento e intimidação de adversários; de uma busca à vadiagem até mesmo ao escárnio com crimes de ordem sexual cometidos por alguém caso esse seja do seu agrado. Tudo isso está presente nos relatos que expus acima. O primeiro caso, que aconteceu durante uma caravana de torcida para uma cidade do interior do Estado, mostra um pouco de como se dá essa iniciação do torcedor organizado dentro dos ritos da torcida.

Como havia falado, a masculinidade hegemônica é uma construção, e assim como dizia Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo*<sup>24</sup>, tomando a virilidade como um termo próximo, poderia se dizer, “não se nasce viril, torna-se viril”<sup>25</sup>. Na infância já se iniciam esses processos, como mostra DaMatta (2010), ao descrever a brincadeira “Tem pente aí”, no interior mineiro. Segundo o relato do antropólogo, o ato consistia em apalpar a bunda do amigo dizendo a frase-título do jogo, “o que normalmente fazia com que a vítima desse um pulo para frente, protegesse as nádegas com as mãos e reagisse violentamente ao brincado”, afastando assim a mão do colega dessa zona sagrada masculina, tida como “a parte mais feminina do corpo masculino”. Se o amigo reagisse com muito escândalo ou até mesmo violentamente, era tido como possível homossexual por ter sensibilidade naquela região, o comportamento esperado pelos outros era o de não-reação ou reação moderada e contida, para reafirmar a sua macheza.

As contradições são corriqueiras nas práticas do cotidiano e fazem parte da vida de muitas pessoas, inclusive também da vida dos sujeitos entrevistados na pesquisa de campo. Um dos casos que podemos citar para ilustrar tal situação, envolvendo um interlocutor de pesquisa, foi em relação à performance torcedora de Fabinho. Esse sujeito se coloca como sendo homossexual assumido e faz parte de uma grande torcida organizada da cidade, e pude entrevista-lo por mais de uma vez, além de acompanhar jogos próximo a ele.

Joaquim: E quando tu tá lá no jogo e tal, pode ser o time rival de fora ou então o próprio Fortaleza mesmo, tá lá no jogo com o time, e aí a torcida começa a gritar né: “Ei tufgay”. Aí tu canta nessa hora?  
Fabinho: “Canto!”

---

<sup>23</sup> Diário de Campo, 08/07/2016.

<sup>24</sup> É clássica dentro do feminismo a frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher” para mostrar o descobrimento e a construção do gênero feminino na sociedade.

<sup>25</sup> Quem fez a analogia foi Arnaud Baubérot (2013) em artigo de mesmo título.

Joaquim: Quando são eles gritando, tu se incomoda?

Fabinho: “Não. Porque o povo fica olhando né...mas eu acho tranquilo”.<sup>26</sup>

(Eu coloquei algumas músicas da torcida dele para ele ouvir e depois pedi para que ele comentasse o que tinha achado das músicas)

Joaquim: Queria que tu falasse sobre essas músicas, que é que tu acha delas, comentasse qualquer coisa que tu quiser comentar.

Fabinho: Eu acho assim, é, tem umas músicas que insulta muito assim, a outra torcida, a maioria que cantou né, é incentivando, falando mal da torcida, chamando de negor (sic) de gay, negor de violência, mas tem outras né?

Joaquim: Sim tem, tem, claro. Não coloquei todas aí, coloquei algumas selecionadas.

Fabinho: Aí essas é mais pra rivalidade, assim, quando é clássico-rei. E é cantada assim, também, quando num tem o jogo num os dois time, mas é cantada. É cantada também.

Joaquim: E que é que tu acha em relação a letra delas?

Fabinho: Eu acho assim muito provocante. E eu gosto mais de cantar as que são, que incentiva o time.

Joaquim: Essas outras assim tu não gosta?

Fabinho: Essas outras esculambação eu não gosto. Até porque quando eu tô no estádio que eu começo a cantar o povo fica olhando assim pra mim. Porque assim eu sou né, a pessoa, e é bem dizer que eu tô, é, esculambano eu mesmo. Quem sabe o que eu sou.<sup>27</sup>

O meu interlocutor estava bem próximo de mim e pude perceber que nas músicas as quais envolviam palavras como Tufgay e afins ele também cantava, com o detalhe que ele é assumidamente gay. Fabinho usava uma blusa preta com o escudo do clube na frente e a letra do hino escrita atrás, que era cortada nas mangas, customizada e estilizada, como um abadá de micareta. Ele estava acompanhado de três moças com a blusa do Comando Feminino da TOC.<sup>28</sup>

Na primeira entrevista meu interlocutor comentou que não via problema e cantava essas músicas nos estádios, mesmo as que provocavam o rival em tal tonalidade. Já na segunda ele disse que tinha preferência por cantar as músicas de incentivo e que apoiavam o time, sem essa coisa de ficar “esculambando” o adversário. Já em campo, observando ele no estádio por mais de uma vez, vi que ele costuma sim cantar essas canções que atizam o outro time, como a imensa maioria dos torcedores que está imersa nessa performance masculina de torcida, e como num teatro ele encena essa performance mesmo não sendo necessariamente heterossexual. Outro detalhe marcante num dos meus encontros com Fábio, foi que ele estava com as unhas pintadas com cores vibrantes numa das entrevistas que fizemos. Por meio de signos corporais como a unha pintada, a blusa estilizada, ele desviava-se daquela masculinidade exigida e só percebiam esses indícios quem estava atento ao paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). O historiador e antropólogo italiano trouxe à tona muito do que viria se basear a virada ontológica das

---

<sup>26</sup> Entrevista com Fabinho.

<sup>27</sup> Entrevista com Fabinho.

<sup>28</sup> Diário de Campo, 22/01/2017.

ciências humanas a partir das décadas de 1970 e 1980, com seu estudo sobre “Mitos, emblemas e sinais”.

A capacidade de reconhecer um cavalo defeituoso pelos jarretes, a vinda de um temporal pela repentina mudança de vento, uma intenção hostil num rosto que se sombreia certamente não se aprendia nos tratados de alveitaria, de meteorologia ou psicologia. Em todo caso, essas formas de saber eram mais ricas do que qualquer codificação escrita; não eram aprendidas nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre sutilezas certamente não-formalizáveis, frequentemente nem sequer traduzidas em nível verbal; constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais. Um sutil parentesco as unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência (GINZBURG, 1989, p. 166).

Muito mais do que apenas ver e escrever, o ofício do antropólogo em campo deve ser o de sentir o que está ali acontecendo. Os silêncios têm muito a dizer também, pois, como diz a linguista Eni Orlandi (2007), o silêncio é um “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (2007, p.13), pois essa forma do falar, ou melhor do não-falar é o “reduo do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é ‘um’, para o que permite o movimento do sujeito”, posso assim traçar um paralelo com o silêncio da torcida em um caso como o de Fabinho, por exemplo, que teve sua participação dentro da torcida ameaçada por outros membros por conta de sua orientação sexual e do medo de isso pegar mal pra torcida. No caso em questão, a diretoria da agremiação ficou favorável a Fabinho, pois ele era um membro participativo da T.O. e ninguém tinha nada a ver com a sua sexualidade, mas isso não provocou mudança na sociabilidade masculina hegemônica presente no dia-a-dia da torcida, do mesmo modo como o próprio Fábio em entrevista comigo me disse que não acha legal quem é gay se beijar com camisa de torcida por conta de isso ser ruim para a instituição.

A tensão entre legal e ilegal, permitido e consentido dá à tona de muitas *práticas* que envolvem a performance torcedora. É no levantamento desse conceito de prática de De Certeau (2014) que pretendo dialogar como uma das chaves de leitura do escopo desse trabalho. A homofobia, dentro de um campo dentre outros xingamentos, seria uma das *práticas* da arte dos fracos, uma forma dos torcedores organizados de pressionar e diminuir o outro clube, enaltecendo o seu, num movimento simultâneo. Assim como outras *práticas* dos *organizados* que poderiam ser vistas ou encaradas como desviantes como acender sinalizadores no estádio, fumar maconha na arena esportiva, brigar nos arredores do estádio e dos terminais. A todo momento esse enfrentamento, seja ele com o polícia, com o clube, com outros torcedores, essa forma de “bater de frente” é

evocada. A homofobia seria um nome que se dá uma dessas *táticas*, que são tão ilegais quanto outras, e representam uma certa fratura nesse sistema. Trazendo o pensamento de Bataille (1987) em sua obra “O erotismo”, ele nos diz que “a festa é por excelência o tempo *sagrado* [...] em tempo de festa, o que é habitualmente proibido pode sempre ser permitido, às vezes exigido” (1987, p.64). É possível traçar um paralelo com as *práticas* transgressoras cometidas pelos *organizados* como algo que faz parte, que é necessário para o jogo das torcidas. O antropólogo francês Jean Duvignaud também traz contribuições sobre a festa que são relevantes para a discussão.

A revelação consiste na capacidade que têm todos os grupos humanos de liberarem-se de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis nem forma, que é a natureza na sua inocente simplicidade. Demais, as interpretações que conhecemos integram a festa na vida coletiva para convertê-la em ato social, sem dúvida de desordem e rebeldia, porém, um ato que não ultrapassa o quadro da experiência comum, que se regenera ou transforma. Que a alma e retorna a ela sem modificá-la, excetuando-se os aspectos superficiais (DUVIGNAUD, 1983, p.212).

A festa está dentro do corpo social como algo que pertence ao sagrado, segundo ele, e assim tem a sua realização dentro de um espectro que a encerra em si mesmo, representando uma certa desordem. Contudo, ao final da festa a vida volta ao seu curso habitual. Assim podemos fazer comparação também com tais *práticas* dos *organizados*, as quais existem dentro de uma perspectiva, esgarçam limites e ali se encerram. Pois o futebol não é o lugar do certo, futebol é tensão entre transgressão e ordem, da tensão entre permissão e proibição. Tomar o outro como gay, como “mulherzinha” faz parte de um jogo da torcida tal qual transgredir as outras coisas que citei acima. Talvez essas mesmas pessoas no mundo do trabalho não fariam isso, pois esse campo está fora dessas *práticas*.

### Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, n.44. p.342-351, Maio/ago., 2010.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques; et. al. **História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, p. 189-220, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: **A sociedade contra o Estado**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CONNELL, Raewyn. Políticas de masculinidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: **Educação e Realidade** – v. 20 n.2: p. 185 – 206, julho/dezembro, 1995.

\_\_\_\_\_; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica – repensando o conceito. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21 n.1, p. 241-282, janeiro/abril, 2013.

COSTA, Grasielle Aires da. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações. **Aspas**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.49-60, mar. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/68385>>. Acesso em: 30/05/2018.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994. Dossiê Futebol.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia Social. 1998. 237 f. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

\_\_\_\_\_. Das palavras e dos palavrões - um olhar antropológico sobre formas de sociabilidade e construções narrativas nos estádios de futebol. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, João Pessoa: UFPB, v.1, n.1, p. 81-100, março de 2017.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Trad. L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. In: **Mana**, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. In: **Antropologia em Primeira Mão**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, 1998.

\_\_\_\_\_. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em Primeira Mão**, 75. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2004.

HALBERSTAM, Jack. **Masculinidad femenina**. Tradução de Javier Saéz. Madrid: Egales Editorial, 2008.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, n.44, p. 61-90, janeiro-junho de 2015.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. Trad. Júlio Assis Simões. In: INGOLD, Tim. (ed.), **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres, Routledge, p. 813-830, 1997.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade**, v. 30, n.2. Rio de Janeiro: ISER, p. 90-121, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PECHENY, Mario. Identidades discretas. In: Leonor Arfuch (ed.), **Identidades, sujetos y subjetividades**. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 125-147, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SCHECHNER, Richard. **Between Theater & Anthropology**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1985.

\_\_\_\_\_. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral. In: **Cadernos de Campo**, v.20, n.20. São Paulo: USP, p.213-236. 2011.

\_\_\_\_\_. “Pontos de contato” revisitados. In: **Antropologia e Performance – Ensaios Napedra**. São Paulo: Terceiro Nome, p.37-65, 2013.

SÍVORI, Horacio. A identidade homossexual como regime de vida e suas éticas menores. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais**. Caxambu: Anpocs, p. 1 – 21, 2006.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **Culture, Thought, and Social Action – An anthropological perspective**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.